

## O SUICÍDIO NA SÉRIE “OS 13 PORQUÊS”: prevenção ou gatilho?

Sylvia da Silveira Nunes<sup>1</sup> , Brunno Yan Souza Moraes<sup>1</sup> , Breno Rafael da Costa<sup>1</sup> ,  
Flávio Bittencourt<sup>1</sup> 

### RESUMO

O suicídio pode ser estudado sob muitos pontos de vista, uma vez que a decisão voluntária pela morte é algo complexo e de difícil explicação, por ser evidentemente multifatorial. A partir de um olhar interdisciplinar, dialogamos com autores/as da psicologia, psicanálise, psiquiatria, sociologia e filosofia a fim de compreender os resultados de uma pesquisa sobre a opinião de 316 estudantes universitários/as a respeito de uma série produzida pela Netflix, chamada “Os 13 porquês”. Os/as estudantes responderam a um questionário com questões abertas e fechadas sobre a série. As perguntas visavam colher informações sobre quais temporadas vistas, motivações para assistir a série, leitura do livro homônimo, conhecimento do pós-episódio, quais pessoas próximas assistiram à série e se houve diálogo sobre ela. E também investigar as opiniões dos sujeitos sobre: Você acha que a série ajuda a prevenir o suicídio? Você aprendeu algo com a série? O que achou da série? Cite aspectos positivos e negativos. A maioria dos/as participantes (59,8%) disseram que a série previne o suicídio parcialmente e 65,8% dos/as respondentes afirmaram terem aprendido algo com a série. Enfim, é possível concluir que a série abriu o debate sobre o suicídio e outros temas próximos como *bullying*, depressão e empatia. Porém, a forma como a série foi estruturada também foi considerada pelos/as pesquisados/as como um gatilho para o suicídio.

**Palavras-chave:** Suicídio, Prevenção do suicídio, Crise suicida.

## SUICIDE IN THE SERIES “13 REASONS WHY”: prevention or trigger?

### ABSTRACT

Suicide can be studied from many points of view given that the voluntary decision to die is multifaceted and difficult to understand in just a theoretical or explanatory way. In this article, it is reported the results of a survey based on the opinion of 316 college students on a Netflix series called “13 Reasons Why”. The research is analyzed by authors from psychology, psychoanalysis, psychiatry, sociology and philosophy. Students answered multiple-choice questions and made a dissertation about the show. The questions were about what seasons were seen, motivations to watch the series, reading the novel of the same name, watching the post-episode, which people watched the series and whether there was dialogue about it. And also investigate the subjects’ opinions on: Do you think the series helps prevent suicide? Did you learn anything from the series? What did you think of the series? Cite positive and negative aspects. Most participants (59.8%) reported it could partially avert a suicide and 65.8% of respondents said they had learned something from the show. Ultimately, it can be concluded that the series has opened the debate about suicide and other similar issues such as bullying, depression, and empathy. However, surveyed participants pointed out that the way the series was plotted could also trigger suicide.

**Keywords:** Suicide, Suicide prevention, Suicide crisis.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Alfenas

**Autor Correspondente:** Sylvia da Silveira Nunes  
E-mail: [sylvia.nunes@unifal-mg.edu.br](mailto:sylvia.nunes@unifal-mg.edu.br)

Recebido em 20 de Janeiro de 2022 | Aceito em 20 de Maio de 2022.

## EL SUICIDIO EN LA SERIE “POR TRECE RAZONES”: ¿prevención o disparador?

### RESUMEN

Se puede estudiar el suicidio por varias maneras ya que la decisión por la muerte voluntaria es compleja y difícil de entender por un único modo teórico o explicativo. A través de un camino interdisciplinario, utilizaremos reflexiones de autores en psicología, psicoanálisis, psiquiatría, sociología y filosofía para analizar los resultados obtenidos en una investigación acerca de las opiniones de 316 estudiantes universitarios de la serie “Por trece razones”, hecha por la Netflix. Los/as estudiantes contestaron un cuestionario con preguntas abiertas y cerradas acerca de la serie. 59,8% respondieron que la serie parcialmente previene el suicidio. No obstante, 65,8% aprendieron algo con la serie. Finalmente, se puede concluir que la serie hizo posible las conversaciones acerca del suicidio y otras temáticas, por ejemplo, acerca del acoso escolar, depresión y empatía. Pero, el formato de la serie también fue considerada por los/as participantes de la investigación como un posible disparador para el suicidio.

**Palabras clave:** suicidio, Prevención del suicidio, Crisis suicida.

### INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde<sup>1</sup>, cerca de 800 mil pessoas se matam por ano, o que significa uma morte a cada 40 segundos no mundo. No Brasil, o último boletim epidemiológico do Ministério da Saúde, publicado em setembro de 2021<sup>2</sup>, analisa os dados referentes ao período de 2010 a 2019, em que é possível observar um aumento de 43% na taxa anual de suicídios. Esse aumento atingiu todas as faixas etárias, porém foi mais significativo entre adolescentes e jovens (15 a 19 anos), passando de 3,5 mortes por 100 mil habitantes para 6,4 mortes, o que significa um aumento de 81% nos números.

Porém, esses dados podem estar longe de representar a realidade, uma vez que a prática cotidiana nos mostra a alta incidência de subnotificação, pois o/a médico/a legista ou policial muitas vezes não registram a morte por suicídio, por esse tema ainda ser um tabu. Segundo Vieira et al. (2009), se todos os casos de suicídio fossem computados, os números seriam de dez a vinte vezes maiores.

Vale considerar também que para cada uma dessas mortes, muitas outras vidas ficam profundamente impactadas. Para Fukumitsu et al. (2015) a cada suicídio efetivo, seis pessoas em média são profundamente atingidas. Para chegar perto da profundidade do ato suicida em si e seus impactos, não recorreremos apenas aos números, mas focamos o diálogo com autores/as da psicologia, psicanálise, psiquiatria, sociologia e filosofia, uma vez que compreendemos o suicídio como um fato multicausal que exige um olhar interdisciplinar.

### REVISÃO DE LITERATURA: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O SUICÍDIO

O suicídio costuma estar relacionado com uma pessoa em sofrimento. Ainda que pareça um gesto individual, para compreendê-lo é preciso buscar suas correlações sociais, uma vez que somos seres coletivos. Émile Durkheim (1897/2011) foi um dos primeiros a pesquisar profundamente o suicídio, e o considerou um fato social. Ao notar que, em várias sociedades diferentes, em vários momentos históricos diferentes, a taxa de mortes por suicídio variava pouco, ele concluiu: “Cada sociedade se predispõe a oferecer um contingente determinado de mortes voluntárias” (p. 24). Essa afirmação nos mostra a faceta social por trás da escolha individual pela morte autoinfligida.

1 Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topicos/suicidio>> Acesso em: 19 jan 2022.

2 Disponível em: <[https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/boletins-epidemiologicos/e-dicoes/2021/boletim\\_epidemiologico\\_svs\\_33\\_final.pdf](https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/boletins-epidemiologicos/e-dicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf)> Acesso em: 19 jan 2022.

Além disso, Durkheim (1897/2011), entende que os suicídios ocorridos nas sociedades industriais são resultados de uma individualização exacerbada, fruto do esgarçamento dos laços sociais coletivos. Isto é, para o autor, a ausência de uma consciência coletiva comum leva a um profundo vazio existencial.

Outro grande nome da sociologia a considerar o suicídio foi Karl Marx, no livro “Sobre o Suicídio”, publicado originalmente em 1846. Para Marx (1846/2016), o suicídio funciona como um indicativo das mazelas sociais, uma vez que, por meio das motivações das pessoas para dar fim a própria vida, podemos enxergar problemáticas presentes na sociedade a qual pertencem. A partir da análise de vários casos e também do número de mortes por suicídio, tentativas e motivações ocorridas em Paris, em 1824, o autor conclui: “A classificação das diferentes causas do suicídio deveria ser a classificação dos próprios defeitos de nossa sociedade” (p.44). Assim, podemos pensar que o suicídio é uma tragédia silenciosa e silenciada, mas também a denúncia de uma crise coletiva.

Sob outro ponto-de-vista, o filósofo Albert Camus (1942/2010), afirma que o suicídio é um problema filosófico, pois está relacionado à busca pelo sentido da vida. Sem esse sentido, “(...) o homem se sente um estrangeiro” (Camus, 1942/2010, p.21). Na obra “O mito de Sísifo”, o autor relaciona o suicídio e o absurdo e finaliza sua reflexão com a interpretação do mito de Sísifo<sup>3</sup>. E é nesse diálogo com o absurdo e sua presença na vida que o autor responde à pergunta inicial do livro e se posiciona contra o suicídio. O absurdo seria uma recusa da morte, pois a vida “(...) será tanto melhor vivida quanto menos sentido tiver. Viver uma experiência, um destino, é aceitá-lo plenamente.” (Camus, 1942/2010, p.59). Ou seja, para o filósofo, viver é fazer o absurdo vivo também, pois é preciso contemplar o absurdo.

Caminhando da filosofia para a psicologia analítica, proposta por Carl Gustav Jung (2016), podemos pensar juntamente com Hillman (1964/2016) que o anúncio do suicídio não se restringe a um sintoma psiquiátrico, mas à concretização de questionamentos existenciais que precisam ser ouvidos, caso queiramos trabalhar com a prevenção<sup>4</sup> e posvenção<sup>5</sup> do suicídio, pois para este autor, vida e morte podem ser excludentes na lógica racional, mas não se opõem psicologicamente. Pelo contrário, a vida, no sentido de força criativa do psiquismo, necessita continuamente da transformação que a morte impõe. Assim, uma leitura simbólica possível para alguém que se encaminha para o desejo de se matar é a de que justamente essa pessoa não vivenciou as mortes simbólicas necessárias em sua trajetória. Nas palavras do autor:

O suicídio é, então, o anseio para uma transformação rápida. *Isto não é morte prematura, como poderia dizer a medicina, mas a reação tardia de uma vida entravada que não se transformou à medida que prosseguia. O indivíduo quer morrer imediatamente, e já, porque perdeu sua crise de morte antes.* (Hillman, 1964/2016, p. 85, destaque do autor).

Sendo o suicídio um impulso de transformação, percebemos que a leitura junguiana do suicídio pode ser sintetizada na pergunta: o que a pessoa quer que morra dentro dela? Ou na vida dela? O que está pedindo para morrer? Se essas transformações se tornarem possíveis, o desejo de matar a si mesmo pode diminuir porque foi possível matar simbolicamente aqueles aspectos da vida que estavam pedindo por transformação.

3 “Os deuses condenaram Sísifo a empurrar incessantemente uma rocha até o alto de uma montanha, de onde tornava a cair por seu próprio peso. Pensaram, com certa razão, que não há castigo mais terrível que o trabalho inútil e sem esperança” (Camus, 1942/2010, p.121).

4 A prevenção do suicídio, em seu sentido amplo, diz respeito a toda e qualquer ação que melhore as condições de vida humana (Botega, 2015; Cassorla, 2018). Mas, especificamente, podemos considerar prevenção também as intervenções mais pontuais como: campanhas que informam e propiciam o diálogo sobre o tema; divulgação de casos e da temática de modo responsável pela mídia; redução do acesso aos meios letais; investimento em saúde mental, de modo geral; apoio às/aos pessoas enlutadas e/ou sobreviventes do suicídio, dentre outros.

5 O termo posvenção tem sido utilizado por suicidologistas para se referir às estratégias de cuidado para com as pessoas sobreviventes de um suicídio, seja por tentativa direta, seja por serem enlutadas por suicídio (Fukumitsu & Kovács, 2015). E é, obviamente, uma ação de prevenção do suicídio também.

Sob outras perspectivas teóricas, outros/as autores/as afirmam que de modo geral, há uma ambivalência na trajetória de quem decide se matar marcada pelo desejo do fim mas também pelo desejo de acabar com a dor e o sofrimento para poder viver uma outra vida (Kuczynski, 2014; Cassorla, 2017).

Esse conflito interno vivido pela pessoa em ideação ou crise suicida não surge do nada ou apenas por uma única motivação. Hillman (1964/2016) escreve que é na vida que surge o suicídio, ou seja, há um caminho, muitas vezes, não notado ou expresso até se chegar a um ato suicida, como explicam Marquetti e Leite (2018, p. 157-8):

(...) a crise suicida é muito mais do que o momento do ato, sendo este apenas o apogeu drástico de uma ruptura que começou no curso normal da vida e envolve situações críticas comuns, próprias do desenvolvimento humano. Tal perspectiva recolocaria o sujeito que tentou suicídio como uma pessoa comum que, diante de um ponto crítico do curso normal da vida – o qual inclui dúvidas, perdas, fracassos – se perdeu em algum ponto essencial (Marquetti & Leite, 2018, p. 157-8).

Para esses autores e outros/as suicidologistas de base psicanalítica (Macedo & Werlang, 2007; Coutinho, 2010; Cassorla, 2017), esses pontos críticos que não foram ditos ou simbolizados podem aparecer como ato suicida. Assim, é justamente a possibilidade de falar que permite que o intraduzível ganhe sentido e liberte o sujeito de uma angústia insuportável.

Para a psicanálise, a dor é resultado de um excesso, que pela impossibilidade de configurar representação, o que tende a entrar em um ciclo de repetição. No caso de quem vive situações traumáticas ou violentas, o ciclo de repetição tende a levar a violência ora contra o outro, ora contra si mesmo (Macedo & Werlang, 2007). É nessa dinâmica que o ato suicida se configura.

Também seguindo a lógica freudiana, Cassorla (2017) afirma que os impulsos destrutivos precisam ser neutralizados ou desviados, caso contrário, a tendência é a autoagressão. Mas lembra também que a pulsão de vida e pulsão de morte, tal como Freud as definiu, andam juntas. É por isso que o desejo de autoextermínio costuma ser acompanhado de uma angústia ambivalente de vida e morte.

Isso posto, podemos perceber um pouco da complexidade da temática estudada. Hillman (1964/2016) afirma que o suicídio é um enigma, mesmo que se deixe mensagens escritas. O tema de análise do presente artigo é justamente sobre uma forma de bilhete suicida expresso na série “Os 13 porquês”. Iremos apresentar uma pesquisa a partir da opinião de jovens universitários/as sobre a série.

## A SÉRIE “OS 13 PORQUÊS”

---

A série “Os 13 porquês” produzida pela *Netflix* é baseada em livro homônimo (Asher, 2009) que conta a história de uma jovem, chamada Hannah Baker, estudante do ensino médio nos Estados Unidos que se suicida e deixa fitas cassetes, endereçadas para pessoas de seu convívio escolar (12 são estudantes também e o último é o conselheiro da escola). Cada lado das fitas narra os motivos de sua decisão de tirar a própria vida, direcionando para uma ou mais situações vividas com a pessoa cuja gravação é dedicada. A série tem quatro temporadas, lançadas anualmente a partir de 2017. O presente artigo traz a análise dos dados coletados em maio de 2019, com questionamentos sobre a 1ª e 2ª temporada, já que naquele momento, a 3ª e 4ª não haviam sido lançadas ainda.

A 1ª temporada se aproxima bastante do livro com uma diferença importante: no livro, o personagem Clay Jensen, que está na 11ª fita, escuta todas as fitas de uma vez, sem interrupção, sem intervenções e sem diálogo com as outras pessoas indicadas nas fitas. Na série, há uma complexa rede de intrigas e agressividade com clima constante de suspense, segredos e ameaças. Clay, além de viver um luto silencioso, tem

frequentemente alucinações envolvendo Hannah e acusações de responsabilidade sobre a morte dela. Essa temporada mostra o impacto da morte de Hannah para todos/as os/as envolvidos/as nas fitas e nas histórias narradas nelas, mas sobretudo o receio de que as fitas sejam descobertas, já que elas denunciam *bullying*, assédio sexual, abusos, invasão de privacidade, várias ilegalidades e dois estupros.

Além disso, na série, Clay vai em busca de cada pessoa acusada a cada lado da fita, a fim de saber se é verdade o que Hannah disse. E, muitas vezes, vinga-se do/a acusado/a em questão. Diferente do livro, em que não há acesso aos demais personagens, na série, é possível ver que a estratégia das fitas funciona como uma forma de Hannah ser ouvida por pessoas que a desprezaram. Seria essa uma forma de romantização e ‘gatilho’<sup>6</sup> para o suicídio?

Após uma série de críticas à série, a *Northwestern University* realizou uma pesquisa, encomendada pela própria Netflix, sobre os impactos de “Os 13 porquês”. Participaram 5 mil adolescentes, jovens e pais de 4 países: Estados Unidos, Nova Zelândia, Austrália e Brasil. Os resultados da pesquisa foram divulgados em um *site* da universidade em março de 2018<sup>7</sup>. Segundo a pesquisa, 58% dos/as adolescentes ficaram mais confortáveis para falar com seus pais sobre os assuntos tratados na série, depois de ambos assistirem a série, ou seja, ela propiciou mais conversas entre pais e adolescentes. Além disso, 60% disseram ter se desculpado com alguém que haviam tratado mal após ver a série, o que foi lido pelos pesquisadores/as como indicativo de que a série ajudou a desenvolver mais empatia. Por outro lado, pais e adolescentes sinalizaram que a série poderia ter possibilitado mais acesso a outros recursos informativos.

Especificamente no Brasil, o relatório apontou que, após assistirem a série: os/as adolescentes relataram estarem mais alertas para as pessoas em depressão e tanto adolescentes como jovens afirmaram compreender melhor a depressão, *bullying*, suicídio e violência sexual.

Também Lima (2020) entende que a trajetória de Hannah Baker pode ser utilizada como estratégia de prevenção do suicídio em contexto escolar. O autor analisou o livro que baseou a série (Asher, 2009) e indicou possibilidades de reflexão a partir das cenas da série que poderiam ser utilizadas tanto por estudantes quanto por educadores/as para falar sobre suicídio.

Assim, a série e o livro podem ter trazido a temática do suicídio (e outros temas correlacionados) para o debate. No entanto, ela faz isso de uma forma problemática já que o suicídio já foi consumado e essa informação está na sinopse e nos primeiros minutos da série. Nesse sentido, a série pode ajudar a compreender o suicídio? Ela pode auxiliar na prevenção do suicídio?

## A PESQUISA: MÉTODOS UTILIZADOS

---

O objetivo da presente pesquisa é responder essas questões por meio da análise de um questionário com perguntas abertas e fechadas sobre a série. 316 estudantes da Universidade Federal de Alfenas (Unifal), da graduação e pós-graduação, responderam a esse questionário. Todos/as os/as estudantes da universidade foram convidados/as a participar da pesquisa por meio de um *e-mail* institucional.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unifal, tendo recebido o CAAE n.02375518.0.0000.5142. Os/as estudantes universitários/as aceitaram participar da pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

---

<sup>6</sup> Gatilho é uma metáfora que tem sido utilizada pelos/as suicidologistas para falar de fatores e situações precipitantes do ato suicida.

<sup>7</sup> Disponível em: < <https://13reasonsresearch.soc.northwestern.edu/> > Acesso em 19 jan 2022.

Os sujeitos responderam a um questionário com perguntas sobre o curso que está fazendo na universidade, nível graduação ou pós-graduação, idade e 14 perguntas sobre a série “Os 13 porquês”, dez abertas e quatro fechadas foi utilizado. As perguntas fechadas foram: 1) Qual temporada você assistiu? 2) Você leu o livro homônimo que embasou a 1ª temporada? 3) Quem do seu círculo viu a série? 4) Você acha que a série ajuda na prevenção do suicídio?

E as perguntas abertas: 5) O que te motivou assistir a cada temporada? 6) O que achou da série? Cite aspectos positivos e negativos. 7) Você acha que aprendeu algo sobre a série? 8) Se sim, o quê? 9) Conversou com alguém sobre a série? 10) Essa conversa mudou a impressão que você tinha da série? 11) De que forma? 12) Justificativa para a pergunta 4? 13) Você assistiu ao pós-episódio? 14) Se sim, o que achou?

A associação entre as variáveis: tipo de curso, idade, temporadas assistidas e a leitura ou não do livro homônimo versus a opinião quanto à prevenção do suicídio foi mensurada pelo teste qui-quadrado ao nível de 5% de significância. No caso de associação significativa entre as variáveis foi calculado o coeficiente de contingência de Pearson para medir o grau de associação entre as variáveis e foi confeccionado o mapa de correspondência para observar a tendência de respostas dos/as participantes sobre a prevenção de suicídios conforme as categorias da outra variável. Os cálculos estatísticos foram realizados no programa R (R Core Team, 2019) e o pacote MASS (Venables & Ripley, 2002) foi utilizado para a análise de correspondência e a confecção do mapa.

Para as perguntas abertas, o presente artigo irá apresentar quantitativamente, em porcentagem, os números significativos de respostas interpretados a partir da elaboração de categorias. Tais categorias foram criadas após exaustivas releituras do material de pesquisa.

A técnica utilizada para criação de categorias buscou seguir os passos propostos por Carlomagno e Rocha (2016), quais sejam: clareza nos critérios para inclusão e exclusão; exclusividade na inclusão, isto é, o conteúdo incluído não poderia pertencer a outra categoria; as frases incluídas dentro de uma categoria guardam proximidade; a categoria outros é residual; a classificação precisa ser o mais objetiva possível. A partir dessas regras, categorias e subcategorias foram criadas para melhor compreensão dos dados.

De modo geral, as categorias trazem frases ou expressões utilizadas pelos/as próprios/as participantes da pesquisa. As frases e expressões se tornaram o nome de uma categoria na medida em que resumia a ideia trazida em um conjunto expressivo de respostas.

Vale ressaltar também que o presente artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla denominada “A série ‘Os 13 porquês’ favorece a prevenção do suicídio?”, a qual foi dividida em três partes: 1) análise do conteúdo da série (subdividida em reflexões sobre o suicídio e luto por suicídio/tentativa de suicídio na série); 2) pesquisa quantitativa sobre a opinião de estudantes universitários/as sobre a série – apresentada neste artigo; 3) e, finalmente, uma pesquisa qualitativa também acerca das opiniões de estudantes universitários/as sobre a série, realizada a partir da análise das perguntas abertas do questionário descrito acima.

## RESULTADOS

A grande maioria dos/as participantes são da graduação (88,9%), de modo que estudantes dos 33 cursos da universidade, dos seus três *campi*, participaram da pesquisa. Dos 22 cursos de pós-graduação, 14 cursos tiveram respondentes ao questionário.

Vale ressaltar também que 4,2% dos/as estudantes da universidade responderam ao questionário, o que é um número significativo nesse tipo de pesquisa. A idade dos estudantes variou de 17 a 53 anos, mas 82,9% está na faixa de 17 a 25 anos.



Em relação à série, 53,2% viram a 1ª e a 2ª temporadas inteiras; 26,9% assistiram apenas a 1ª temporada; 11,4% viram a 1ª temporada inteira e começaram a assistir a 2ª, mas pararam. E, finalmente, 8,5% começaram a assistir a 1ª temporada, mas não continuaram. Além disso, apenas 11,4% dos/as respondentes leram o livro homônimo.

Quanto às motivações para assistir à 1ª temporada: 35,5% disseram que pelos comentários de amigos/as pessoalmente ou nas redes sociais; 21,7% pela questão do suicídio abordado como tema principal da série; 10,4% pela publicidade oficial da Netflix; 9,3% por terem lido o livro; 8,4% declararam apenas terem curiosidade; 8,1% por ter recebido a recomendação/indicação de algum amigo ou amiga; 3,1% pelas temáticas comuns aos jovens (*bullying*, assédio sexual, estupro, preconceitos...); 1,4% porque já tinham ouvido falar da fama do livro, embora não tenham lido; 0,9% porque entenderam que a série iria abordar a questão da depressão; 0,6% por serem professoras e 0,6% por serem mães de jovens que estavam vendo ou passando por situações similares a da personagem principal. Já em relação à 2ª temporada, a motivação foi basicamente ter assistido a 1ª, tendo gostado ou não dela e ter curiosidade para ver como seria o desfecho da história.

Sobre quem teria assistido a série do círculo de pessoas do/a respondente, 75% disseram que os/as amigos/as viram a série. Quando perguntados/as se conversaram com alguém sobre a série, 86,7% disseram que sim. Desses, a grande maioria (90,1%) disseram que essa conversa não mudou sua opinião, pois as pessoas com quem conversaram pensavam de forma similar. Interessante que esse dado inclui pessoas que gostaram e que não gostaram da série - independe se acham que a série pode ser gatilho para o suicídio, ou ao contrário se entenderam a série como forma de prevenção. Em relação ao pós-episódio da 2ª temporada, 82,3% disseram não terem assistido, não lembrarem ou desconhecerem.

A questão “Você acha que a série ajuda na prevenção do suicídio? Por quê?”, tinha três possibilidades de respostas: sim, não, parcialmente. Das 316 respostas, 9,5% afirmaram que sim, 30% que não e 59,8%, parcialmente.

A análise das justificativas para cada resposta sobre a série prevenir ou não o suicídio dá uma ideia da complexidade do tema e da sondagem de opiniões que a pesquisa conseguiu realizar. Para as justificativas da resposta “sim”, temos que: para 35,5%, a série traz reflexões sobre as relações entre as pessoas; 22,6% acredita ser positivo trazer o debate sobre depressão; 19,3% afirma que a série abriu a discussão sobre a questão do suicídio; para 16,1% dos/as respondentes, a série ajuda a ficar mais atento/a para os sinais de quem não está bem; e 6,5% afirmaram que as informações sobre espaços de ajuda indicados pela série são preventivas.

As explicações para a resposta “não” foram organizadas em 6 categorias: a série romantiza e justifica o suicídio (63%); a série não apresenta soluções (15%); a série não previne o suicídio (11%); a cena do suicídio não deveria ser mostrada (5%); a série conscientiza, mas romantiza o suicídio (3%) e trata o suicídio de forma superficial (3%).

Por último, para a resposta “parcialmente”, esteve concentrado o maior número de respostas: como escrito acima, quase 60% afirmaram que a série previne parcialmente o suicídio. A diversidade de justificativas foi grande e foram criadas três categorias para agrupá-las: aspectos positivos (19,8%), tais como “*Foi importante para ajudar na discussão do tema. Um “grito”, um clamor dizendo que suicídio existe e que precisamos falar mais sobre*”; “*Porque ela mostra os aspectos positivos. Quando decidimos o autoextermínio normalmente achamos que ninguém se importa, mas lá vimos que se importam, sim*”, “*Ajuda, talvez, quando mostra o número da linha de prevenção de suicídio, no final*”; aspectos negativos (74,2%), como por exemplo: “*Ao mesmo passo que conscientiza, romantiza o suicídio*”, “*Pode também levar a pessoa a se identificar com aqueles personagens e querer fazer o mesmo*”, “*A série aborda assuntos importantes e muitas realidades. Mas não acho que seja legal para uma prevenção, já que contém cenas muito pesadas*”, “*Porque ela aborda muito o problema e não uma solução*”; posicionamento neutro (6%): “*Porque depende de quem e como absorve a mensagem transmitida pela série*”.

E, finalmente, analisamos as respostas dadas à questão: “Você acha que aprendeu algo com a série? Se sim, o quê?”. A tabela a seguir apresenta as categorias e a porcentagem de respostas para cada uma delas.

**Tabela 1.** Categorias e subcategorias elaboradas para as respostas à pergunta: “Você acha que aprendeu algo com a série? Se sim, o quê?”

Sobre os relacionamentos humanos (54,2%)	Ter mais empatia	19,4%
	Ficar mais atento/a aos sinais de quem não está bem/ precisa de ajuda	14,8%
	Não se sabe o que o outro está passando	5,5%
	O impacto de nossas ações na vida dos outros	5,5%
	Precisamos pedir ajuda	3,7%
	A importância de expressar os meus sentimentos	3,2%
	Uma pessoa pode parecer bem, mas não está	2,1%
Pouco ou nenhum aprendizado (27,3%)	Não aprendi nada	22%
	Frases irônicas, críticas ou pessimistas	5,3%
Temas abordados na série (11,6%)	Sobre suicídio	5,8%
	Sobre depressão	3,4%
	Sobre <i>bullying</i>	2,4%
Outros		6,9%

Fonte: Elaboração própria

As respostas dadas pelos/as estudantes sobre possíveis aprendizados a partir da série foram classificadas em 4 categorias: 1) sobre os relacionamentos humanos (54,2%); 2) Pouco ou nenhum aprendizado (27,3%); 3) Sobre os temas da série (11,6%); 4) Outros (6,9%). Se considerarmos que as categorias 1 e 3 representam algum tipo de aprendizado, podemos notar que 65,8% das respostas foram no sentido de apontar que se aprendeu algo com a série.

No entanto, também é significativo que 22% tenham afirmado não ter aprendido absolutamente nada com a série. Juntamente com essa subcategoria, colocamos uma categoria que associa três tipos de frases: irônicas (tais como: “*Que as pessoas que se suicidam pensam, calculam e planejam metodicamente o ato [ironia]*” e “*Que nunca mais deveria vê-la (rs)*”); críticas (como: “*Aprendi que mesmo curiosa, não deveria ter assistido até o fim, o mal estar não valeu a pena*” e “*Não aprendi coisas positivas, e sim em maneira de suicídio*”); pessimistas<sup>8</sup> (por exemplo: “*As pessoas, às vezes, são piores do que se pode imaginar*” e “*Que não se deve confiar em ninguém*”).

<sup>8</sup> Embora se possa argumentar que as frases pessimistas representam algum tipo de aprendizado, consideramos ser de baixo aprendizado, uma vez que a desesperança é um componente de grande potencial para a crise suicida.

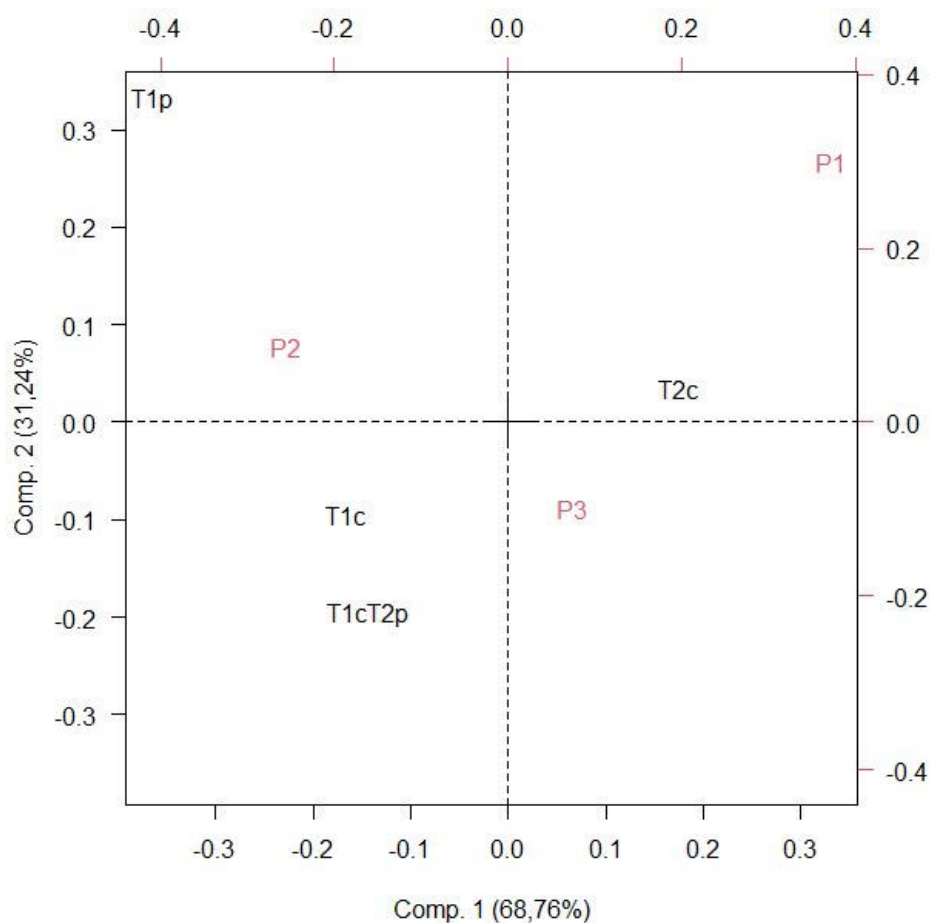


A série traz algumas temáticas para a discussão, as que mais foram citadas sobre possíveis aprendizados foram: questões relacionadas ao suicídio (5,8%), seja a percepção do impacto do luto para quem fica, a importância de se falar do suicídio ou a compreensão melhor do pensamento e do comportamento suicida; questões sobre depressão (3,4%), no sentido de aprender a observar os sintomas de quem está em quadro depressivo; e sobre as consequências do bullying (2,4%) sofrido na escola.

A depressão será mais discutida no próximo item, mas vale comentar que, embora esta palavra não seja usada nenhuma vez na série, ela apareceu 94 vezes ao longo das questões abertas.

No que diz respeito à análise estatística, as associações entre as variáveis: curso, nível escolar, idade, temporadas assistidas e leitura do livro homônimo versus a opinião sobre a prevenção do suicídio todas, exceto, temporadas assistidas ( $p=0,0080$ ) não apresentaram associação significativa ( $p>0,05$ ). Ao medir o grau dessa associação pelo coeficiente de contingência de Pearson, obteve-se o valor 0,7028, indicativo de uma correlação forte entre elas. O mapa de correspondência, apresentado na Figura 1, permite observar a tendência de respostas dos/as estudantes sobre a prevenção de suicídios de acordo com as temporadas assistidas. Usou-se a seguinte codificação: T1p, T1c, T1cT2p, T2c para representarem, respectivamente as declarações vi a primeira temporada parcialmente, vi a primeira temporada completa, vi a primeira temporada toda e parte da segunda e vi as duas temporadas completas, bem como, P1, P2 e P3 para as respostas Sim, Não e Parcialmente, respectivamente, para a variável prevenção de suicídios.

Figura 1 – Mapa de correspondência: variáveis temporadas assistidas e opinião sobre a prevenção de suicídios



Fonte: Elaboração própria

Podemos notar que os/as estudantes que declararam terem visto a primeira temporada completa (T1c), a primeira completa e a segunda temporada parcialmente (T1cT2p) e a segunda temporada completa (T2c) são os/as que tiveram maior propensão em declarar que a série previne parcialmente o suicídio (P3), de modo que, graficamente, as coordenadas dos três primeiros pontos citados estão localizadas mais próximas da resposta P3. Por outro lado, os/as participantes que declararam terem visto a primeira temporada parcialmente (T1p) são aqueles/as que tendem a declarar que a série não previne o suicídio (P2) devido à proximidade desses pontos. Notamos que os pontos representantes das respostas dos/as declarantes que assistiram à 1ª temporada parcialmente (T1p) e dos/as declarantes que opinaram que a série previne o suicídio (P1) são aqueles mais distantes do centro (0,0) do mapa de correspondência, no caso, eles são os que possuem maior inércia, ou seja, são os/as que mais contribuem para o valor do qui-quadrado total.

## DISCUSSÃO: REFLETINDO SOBRE OS DADOS

O estudo apresentou certa representatividade por ter alcançado todos os cursos da universidade estudada. No momento em que a pesquisa foi realizada, apenas duas temporadas haviam sido lançadas. Mais da metade dos/as participantes assistiram às duas temporadas, o que mostra que as opiniões dadas foram com conhecimento da série, embora muitos tenham escrito que pararam de assistir na 1ª ou 2ª temporada, justamente por acharem a série muito pesada, com vários gatilhos etc.

Em relação à possibilidade da série ser uma forma de prevenção do suicídio, um terço dos/as participantes afirmaram categoricamente que não. Mas a maioria (quase 60%) escreveu que parcialmente. Na análise das justificativas para esta resposta, podemos perceber que 74,2% desses/as estudantes lembraram os pontos negativos da série. Isto é, podemos afirmar que para grande parte dos/as estudantes pesquisadas/os, ainda que a série possa trazer algumas reflexões, a forma como ela fez isso é problemática, justamente pelas cenas fortes, inclusive a cena explícita da morte de Hannah, que foi retirada posteriormente<sup>9</sup>. Mas também a série traz, de alguma forma, a romantização do suicídio e possibilidade da identificação com a personagem principal, que poder ser um gatilho para quem está em ideação suicida.

A análise estatística nos mostrou que só houve uma variável que se mostrou relevante em relação à prevenção do suicídio: o fato de ter assistido uma ou duas temporadas completas ou só iniciadas. Quem começou a assistir a 1ª temporada da série e parou está mais propenso/a a considerar que a série não previne o suicídio, o que é compreensível pela análise das respostas abertas, em que muitos/as participantes afirmaram terem parado de assistir justamente porque se sentiram mal. Já as outras três possibilidades: ter assistido somente a 1ª temporada, ter visto as duas temporadas ou ter assistido a primeira, começado a segunda e parado abrigam a diversidade da resposta “parcialmente”, já comentada no parágrafo acima.

As respostas dadas à pergunta sobre o que aprendeu com a série nos pareceram bastante ricas porque apontaram vários caminhos reflexivos sobre a temática. De fato, um terço dos/as participantes acharam que não aprenderam nada ou quase nada com a série. Mas, cerca de 65% das respostas apontaram reflexões importantes que valem a pena ser trazidas ao debate: por exemplo, a subcategoria mais citada nessa questão foi “empatia”. A empatia é um conceito que tem sido bastante abordado no senso comum, mas também estudado no mundo acadêmico, nas últimas décadas, por diferentes áreas do saber. Apesar de ser um termo polissêmico e poder conter uma chave neoliberal, os pontos comuns entre as diferentes formas de abordá-lo oferecem um contraponto ao fechamento e dificuldades de expressão e comunicação comuns na ideação e

<sup>9</sup> Disponível em < <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/07/13-reasons-why-netflix-remove-cena-do-suicidio-de-hannah-baker.html> > Acesso em 19 jan 2022.

no ato suicida: o cuidado com o outro, o respeito ao próximo e a moralidade – no sentido de decisão sobre o que é certo ou errado fazer (Sampaio, Camino & Roazzi, 2009). Outro ponto interessante notado por esses/as autores/as: “(...) observa-se também que, diante do sofrimento de alguém, as pessoas podem sentir piedade, compaixão e um desejo claro de ajudar quem está sofrendo (...)” (p.224). A empatia, então, relaciona-se diretamente à disponibilidade de escuta e atenção a quem está vivendo algum sofrimento que pode culminar no ato suicida, o que pode fortalecer o vínculo social.

Também Marcos (2020) aborda a necessidade de empatia na conclusão do artigo que analisa a música “Zé Ninguém”, da banda Garotos Podres. A música traz o personagem Zé Ninguém que é uma pessoa em situação de rua e denuncia a injustiça social, desigualdade e invisibilidade que levam o personagem ao suicídio. É essa invisibilidade do sofrimento que também é denunciado na série e que a empatia pode combater.

Nesse sentido, outras subcategorias elaboradas a partir das respostas dadas, tais como “ficar mais atento/a aos sinais de quem não está bem ou precisa de alguma ajuda”, “uma pessoa pode parecer bem, mas não está”, “não se sabe o que o outro está passando” e “o impacto de nossas ações na vida dos outros” mostra justamente possibilidades de ter empatia em relação ao sofrimento alheio.

Assim, a série parece ter ajudado a despertar a necessidade de maior atenção a quem está em sofrimento, de modo que a própria subcategoria “uma pessoa pode parecer bem, mas não está” indica que a superficialidade das relações atuais não nos permite enxergar, muitas vezes, o mal estar de alguém próximo. Portanto, estar mais atento a dor do outro, bem como às consequências de nossas ações nos encaminha para construir relações de maior profundidade, o que é uma forma de lutar contra o suicídio, pois a qualidade dos vínculos construídos pode, de modo geral, indicar possibilidades outras que não sejam necessariamente a morte voluntária (Bastos, 2009; Coutinho, 2010, Scavacini, 2018).

Por outro lado, a identificação com a personagem principal que se suicida, também trouxe outro tipo de aprendizado: necessidade de pedir ajuda e a importância de expressar os sentimentos. Para além de várias críticas necessárias à série, há uma percepção de parte dos/as pesquisados/as sobre aquilo que poderia ter sido feito por Hannah para evitar o desespero culminado no suicídio dela, qual seja, pedir ajuda e expressar o que sente.

Também Defante, Silva e Aoyama (2017) ao analisarem o livro “Os 13 porquês”, por meio da análise comportamental, concluíram que Hannah após várias situações aversivas, tais como *bullying* e violência sexual, não apresentava repertório comportamental de enfrentamento dessas violências, tais como pedido de ajuda explícito, rede de apoio efetiva etc.

Tanto na série quanto no livro, é possível notar que a personagem fez algumas tentativas de pedido de ajuda (por exemplo, para o conselheiro da escola) e buscou expressar seus sentimentos compondo poemas, embora com pessoas que representavam vínculos ainda muito fracos para a confiança desesperada que ela depositou. Por outro lado, Marquetti e Leite (2018, p.160) lembram que:

Antes de uma solução extremada, é comum que os indivíduos recorram a várias estratégias: apoio religioso e espiritual, substâncias psicoativas lícitas e ilícitas, relações de sociabilidade e afetivas – enfim, em forma de adições. São subterfúgios temporários e provisórios de vazão ou tamponamento para a crise que, notavelmente, não se diferenciam muito de certas técnicas do campo da saúde já citadas, baseada na supressão e na contenção.

Assim, é possível refletir que alguns pedidos de ajuda feitos por quem está em crise suicida não conseguem alcançar seu intento porque eles podem ter um tom de ‘vazão ou tamponamento’, que não é exatamente o enfrentamento da crise tal qual ela representa, porque não trazem necessariamente novos sentidos para

a dor que está alimentando o pensamento suicida. Obviamente que isto não é responsabilidade apenas da pessoa em crise, mas se estamos entendendo que o suicídio é um problema de todos, o fato de não conseguirmos escutar ou vermos o sofrimento alheio já mostra a necessidade de transformação social.

É essa dificuldade de atribuir sentido à dor e ao sofrimento que pode também justificar uma aproximação constante entre suicídio e depressão. É evidente que nem toda pessoa em depressão tenta suicídio e nem todo/a tentante está vivenciando uma depressão. Mas as correlações entre as duas situações parecem ter raízes mais profundas na vivência da dor e do sofrimento sem saída. É nesse ponto que a empatia pode trazer caminhos de acolhimento e sentido para quem está sofrendo. Maria Rita Kehl (2015), em seu livro sobre depressão, “O tempo e o cão”, aborda as consequências funestas da ausência de empatia:

A falta de empatia que encontramos em nossa cultura pelos depressivos costuma ter, entre os adolescentes, efeitos catastróficos; não é incomum que meninos e meninas de catorze ou quinze anos se precipitem em tentativas de suicídio (por vezes fatais) não tanto em função da gravidade do seu quadro depressivo – que poderia muito bem ser um episódio passageiro, característico da chamada crise adolescente –, mas por não suportarem a imensa perda de autoestima, os sentimentos de incompreensão e isolamento provocados pelo estigma da depressão, que afasta amigos e os torna alvos de chacotas e de sérios preconceitos. (Kehl, 2015, p. 23)

No enredo, Hannah vive essa falta de empatia e compreensão pelo *bullying* e *cyberbullying* de que é vítima, e o efeito é também catastrófico. É possível dizer que Hannah estava vivendo um quadro depressivo não identificado?

Botega (2018), em relação à depressão e ao suicídio na adolescência, lembra dos vários desafios comuns a essa etapa do desenvolvimento humano: encontrar um lugar diferente da infância, lidar com relacionamentos interpessoais e afetivo-sexuais, trabalho futuro, estudos, sonhos etc. Todas essas questões estão presentes no sofrimento de Hannah, mas a série não nos permite “fechar” um diagnóstico de depressão, porém alguns pontos podem ser indicativos de que ela estava em sofrimento: mudanças no corte de cabelo, isolamento, queda nas notas escolares, mudanças no comportamento. Podem ser esses indicativos de mal-estar que tenham chamado a atenção dos/as participantes.

O último ponto (não menos importante) levantado pelos/as estudantes pesquisados/as foi o *bullying*. O *bullying* tem sido definido como a hostilidade intencional e com frequência, voltada a um estudante ou a um grupo, podendo gerar consequências psíquicas naquele que sofre, desde uma angústia acentuada até o assassinato e suicídio (Williams, 2009).

A série mostra várias cenas em que Hannah é vítima de *bullying*, ora por meio das mídias sociais, ora presencialmente. Não cabe nesse artigo analisar essas cenas, mas vale enunciar o óbvio: quem é vítima de *bullying* tem mais chance de se matar, já alertado por vários/as autores/as (Antunes & Zuin, 2008; Freire, Simão & Ferreira, 2006; Grossi & Santos, 2009; Peña, Ortiz & Gil, 2013).

Mayol e Rodriguez (2011), mais especificamente, relataram uma pesquisa realizada com 5614 estudantes do ensino médio na Grécia, entre 16 e 18 anos, sobre a relação entre ideação suicida e ter sofrido *bullying*. Os resultados mostraram que entre aqueles/as que sofreram *bullying*, o pensamento de se matar é oito vezes maior em comparação com aqueles/as que não sofreram *bullying*.

Aqui no Brasil, Veloso et al. (2019) apresentam uma pesquisa em que foi levantado os fatores associados à ideação suicida em 142 estudantes universitários/as da área de saúde de uma universidade pública de Teresina, 22% desses/as estudantes apresentam ideação suicida. Dentre esses/as, foi notado que ter sido vítima de *bullying* aumenta em quase dez vezes mais a ideação suicida.

Para além das temáticas de empatia, depressão e *bullying* que as respostas apontaram, vale refletir sobre

as dificuldades que envolvem abordar o suicídio em uma produção midiática. As respostas das/os participantes trouxeram um leque variado de interpretações da série. Mia Couto (2009) no conto fantástico “O homem cadente”, em que um homem ao se matar fica alguns dias no ar, trazendo total perplexidade para a comunidade, mostra que talvez apenas pela via do absurdo será possível se aproximar de uma realidade tão delicada e de difícil compreensão. A dor de alguém em crise suicida, bem como de qualquer pessoa enlutada denuncia o quanto o suicídio é um acontecimento complexo que envolve uma série de fatores, causas e consequências. É um gesto de comunicação, embora represente também justamente a dificuldade de comunicação. O que uma pessoa em crise suicida quer matar dentro de si? Na sua vida, ao seu redor, no seu passado, nos seus pensamentos e/ou sentimentos? É inegável que há um desejo de matar uma vida falsa e permitir que outra surja no lugar. Se isso puder ser feito de modo que simbolicamente essas mortes tenham lugar, o desejo de matar o corpo pode se transformar. Mas para tal, a pessoa em crise suicida precisa encontrar apoio que lhe permita novos sentidos para seu sofrimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que cada morte represente uma narrativa própria que não nos permite grandes generalizações, algumas reflexões sobre o suicídio puderam ser feitas. O entrelaçamento entre qualidade dos vínculos humanos, depressão e vivência de violência, como *bullying* ou abuso sexual mostrados pela série “Os 13 porquês” evidencia o papel de epifenômeno do suicídio que, como um novelo de lã, puxa outros temas que precisam ser enfrentados também.

A opinião dos/as estudantes universitários/as que pudemos ter acesso e analisar nos mostrou que a série abriu o debate e propiciou aprendizagens importantes. Mas, pela forma como ela foi estruturada, a grande maioria dos/as pesquisados/as também não entende que a série seja um meio efetivo de prevenção do suicídio. Um/a espectador/as que já tentou suicídio ou tem pensamentos suicidas pode se sentir ainda mais fragilizado/a e disposto/a a se matar, caso não consiga dialogar sobre os pontos-chave que a série permite debater.

O ideal seria que debates sobre suicídio e essas temáticas que a série abre tivessem sido realizados em espaços públicos educacionais para ajudar a compreender as provocações dos/as roteiristas e produtores/as a fim de tratar o suicídio como algo sério, recorrente e urgente. No entanto, falar sobre suicídio ainda é difícil, mas o tema vem ganhando cada vez mais espaço. Esperamos que os dados e reflexões deste artigo possam contribuir nessa luta a favor da vida.

## REFERÊNCIAS

- Antunes, Deborah Christina & Zuin, Antônio Álvaro Soares. (2008). Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicologia & Sociedade*, 20(1), 33-41. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822008000100004>
- Asher, Jay. (2009). *Os 13 porquês*. São Paulo: Ática.
- Bastos, Rogério Lustosa. (2009). Suicídios, psicologia e vínculos: uma leitura psicossocial. *Psicologia USP*, 20(1), 67-92. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-65642009000100005>
- Botega, Neury José. (2015). *Crise suicida: avaliação e manejo*. Porto Alegre: Artmed.
- Botega, Neury. (2018). *A tristeza transforma, a depressão paralisa: um guia para pacientes e familiares*. São Paulo: Benvirá.
- Camus, Albert. (2010). *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010 (Trabalho original publicado em 1942).

- Carlomagno, M., & Rocha, L. (2016). Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. *Revista Eletrônica de Ciência Política*, 7(1). <http://dx.doi.org/10.5380/recp.v7i1.45771>
- Cassorla, R. M. S. (2017). *Suicídio: fatores inconscientes e aspectos socioculturais: uma introdução*. São Paulo: Editora Edgard Blucher.
- Coutinho, Alberto Henrique Soares de Azeredo. (2010). Suicídio e laço social. *Reverso*, 32(59), 61-69. Recuperado em 20 de dezembro de 2019, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-73952010000100008&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952010000100008&lng=pt&tlng=pt).
- Couto, Mia. (2009). *O fio das missangas: contos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Defante, K. J. V.; Silva, N. T. & Aoyama, P.C.N. (2017). Análise do livro “Os 13 porquês”: uma discussão sobre o suicídio sob a ótica analítico-comportamental. *Akrópolis*, Umuarama, 25 (2), 173-188, jul/dez.
- Durkheim, Émile. (2011). *O suicídio: estudo de sociologia*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1897)
- Freire, Isabel P., Simão, Ana M. Veiga, & Ferreira, Ana S.. (2006). O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico: um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação*, 19(2), 157-183. Recuperado em 20 de dezembro de 2019, de [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0871=91872006000200008-&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871=91872006000200008-&lng=pt&tlng=pt).
- Fukumitsu, Karina Okajima; Abilio, C.C.C.; Lima, C.F.S.; Gennari, D. M.; Pellegrino, J. P.; Pereira, T. L. (2015). Posvenção: uma nova perspectiva para o suicídio. *Revista Brasileira de Psicologia*, Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2 (2), p. 48-60.
- Fukumitsu, Karina Okajima & Kovács, Maria Júlia. (2015). O luto por suicídios: uma tarefa da posvenção. *Revista Brasileira de Psicologia*, Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2 (2), 41-47. Recuperado em 20 de dezembro de 2019, de <https://repositorio.usp.br/item/002799077>.
- Grossi, Patrícia Krieger, & Santos, Andréia Mendes dos. (2009). Desvendando o fenômeno bullying nas escolas públicas de Porto Alegre, RS, Brazil. *Revista Portuguesa de Educação*, 22(2), 249-267. Recuperado em 20 de dezembro de 2019, de [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0871-91872009000200011&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872009000200011&lng=pt&tlng=pt).
- Hillman, James. (2016). *Suicídio e alma*. Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1964).
- Jung, Carl Gustav. (2016). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil. (Trabalho original publicado em 1964).
- Kehl, Maria Rita. (2015). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo.
- Kuczynski, Evelyn. (2014). Suicídio na infância e adolescência. *Psicologia USP*, 25(3), 246-252. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-6564D20140005>
- Macedo, Mônica Medeiros Kother, & Werlang, Blanca Susana Guevara. (2007). Trauma, dor e ato: o olhar da psicanálise sobre uma tentativa de suicídio. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 10(1), 86-106. <https://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982007000100006>
- Marcos, W. (2020). O suicídio do Zé Niguém: análise social do autoaniquilamento em uma música dos Garotos Podres. *Revista Ciências Humanas*, 13(3). <https://doi.org/10.32813/2179-1120.2020.v13.n3.a689>
- Marquetti, Fernanda Cristina & Leite, Pedro Morales Tolentino. (2018). Intervenção na crise suicida: silenciar determinantes ou produzir sentidos e ações na ruptura? In Karina Okajima Fukumitsu (Org.), *Vida, morte e luto: atualidades brasileiras* (pp. 155-165). São Paulo: Summus.
- Lima, Wudson Marcos Sena. (2020). Os 13porquês: gatilhos para o suicídio no contexto escolar. *Revista de Estudos em Educação*, vol. 6, n. 2.
- Marx, Karl. (2016). *Sobre o Suicídio*. São Paulo: Boitempo. (Trabalho original publicado em 1846)
- Mayol, Cristina Velarde, Rodriguez, Maria González. (2011). Los adolescentes que sufren acoso escolar tienen más ideas suicidas. *Evidencias en Pediatría*, vol 7, n. 59.



- Peña, John Jairo García, Ortiz, Rosalba María. Moncada, & Gil, Jessica Quintero. (2013). El bullying y el suicidio en el escenario universitario. *Revista Colombiana de Ciencias Sociales*, 4(2), 298-310. Recuperado de <https://www.funlam.edu.co/revistas/index.php/RCCS/article/view/1153>
- R Core Team. (2019). *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. Disponível em: <https://www.R-project.org/> Acesso em 19-01-2022.
- Sampaio, Leonardo Rodrigues, Camino, Cleonice Pereira dos Santos, & Roazzi, Antonio. (2009). Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 29(2), 212-227. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932009000200002>
- Scavacini, Karen. (Org.). (2018). *Histórias de sobreviventes do suicídio*. São Paulo: Instituto Vita Alere, Benjamin Editorial.
- Veloso, Lorena Uchoa Portela, Lima, Camylla Layanny Soares, Sales, Jaqueline Carvalho e Silva, Monteiro, Claudete Ferreira de Souza, Gonçalves, Angélica Martins de Souza, & Silva Júnior, Fernando José Guedes da. (2019). Ideação suicida em universitários da área da saúde: prevalência e fatores associados. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 40, e20180144. Epub October 03, 2019.
- Venables, W. N.; Ripley, B. D. (2002). *Modern Applied Statistics with S*. Fourth Edition. Springer, New York.
- Vieira, Luiza Jane Eyre de Souza, Freitas, Mary Landy Vasconcelos, Pordeus, Augediva Maria Jucá, Lira, Samira Valentim Gama, & Silva, Juliana Guimarães e. (2009). "Amor não correspondido": discursos de adolescentes que tentaram suicídio. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(5), 1825-1834. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232009000500024>
- Williams, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. (2009). Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental. *Cadernos de Pesquisa*, 39(138), 995-1018. <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742009000300015>

## AGRADECIMENTOS

---

Agradecemos à Vanja Myra Barroso Vieira da Silveira pelo apoio para a realização dessa pesquisa e à Karen Scavacini pela ideia de investigação.